



UFRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE LETRAS E ARTES  
FACULDADE DE LETRAS**

FLAVIANNE PIRES GOMES

**LITERATURA INFANTO JUVENIL, CONTOS DE FADA E A PSICANÁLISE  
DOS CONTOS EM SALA DE AULA**

Rio de Janeiro

2022

## RESUMO

Sabe-se que a literatura é presente na vida das pessoas desde os primeiros anos de vida, ainda que sob sua forma oral. Isso faz com que ela tenha uma grande importância e um papel essencial para criar um ser humano crítico e expandir a imaginação e criatividade. Dentre todos os contatos que o indivíduo tem ao longo da vida com a literatura, o primeiro geralmente tem a ver com os contos de fadas, que são apresentados logo na infância. Além das funções recreativas, os contos de fadas trazem também uma certa responsabilidade pedagógica de aprendizagem e psicológica de engajamento, além de chamar a atenção dos pequenos. Tomando por base tais pontos, este trabalho tem por objetivo analisar a necessidade dos contos de fadas como forma pedagógica dentro do contexto de sala de aula, sob a perspectiva da psicanálise. Sendo assim, este trabalho é uma revisão bibliográfica dos artigos relacionados ao estudo dos contos de fada com olhar psicanalítico, além de seu uso como leitura literária na escola.

**Palavras-chave:** Literatura infantil e juvenil. Contos de fada. Leitura literária. Escola. Psicanálise.

## ABSTRACT

It is known that literature is present in people's lives from the first years of life, even if in an oral form. This makes it of great importance and an essential role in creating a critical human being and expanding imagination and creativity. Among all the contacts that the individual has throughout life with literature, the first usually has to do with fairy tales, which are presented in childhood. In addition to the recreational functions, fairy tales also bring a certain pedagogical responsibility for learning and psychological engagement, in addition to attracting the attention of the little ones. Based on these points, this work aims to analyze the need for fairy tales as a pedagogical form within the context of the classroom, from the perspective of psychoanalysis. Therefore, this work is a bibliographic review of articles related to the study of fairy tales from a psychoanalytical perspective, in addition to their use as literary reading at school.

**Keywords:** Children's and youth literature. Fairy tales. Literary reading. School. Psychoanalysis.

## SUMÁRIO

1.	5	
2.	77	
2.1	A LEITURA E OS CONTOS DE FADAS	7
2.2	CONTRIBUIÇÕES DOS CONTOS DE FADAS NA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO INFANTIL	12
2.3	OS CONTOS DE FADAS NO DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL DA CRIANÇA	17
3.	2122	
4.	234	
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>25</b>

## 1. INTRODUÇÃO

É de conhecimento pedagógico geral que a literatura possui uma grande importância na formação e no desenvolvimento das crianças, principalmente os contos de fadas, que podem ser usados na sala de aula, tendo um papel essencial no âmbito educacional. Tendo em vista que os contos são famosos bem acolhidos entre as crianças, eles são necessários no processo de alfabetização e letramento, sabendo que se entende por letramento “a capacidade de compreender os significados do texto, de usá-los no cotidiano, de interagir com as palavras escritas, e não apenas decodificar o som em letras ou as letras em som, aprendendo a escrever e reconhecer” (GOMES, 2016, p. 3).

Contanto, os contos de fadas não se apresentam somente como apoio pedagógico: eles contam com muitos ensinamentos de fundo ético, focados no que há de bem e de mal no ser humano, fazendo a criança refletir sobre quais ações são consideradas “certas” e quais são consideradas “erradas”. Não se trata somente de uma formação literária moralista, mas de criar seres pensantes e críticos. Assim, pode-se afirmar que os contos de fadas são úteis por sua característica simbólica, ajudando os leitores em formação no processo de sua própria autonomia. “A criança iniciada no mundo da leitura é alguém que pode ampliar sua visão do outro, que pode adentrar no universo do simbólico e construir para si uma realidade mais carregada de sentido” (CAVALCANTI, 2002. *Apud* De Moura, 2015, p. 2).

Claramente, os contos de fadas não são responsáveis por moldar a personalidade de uma criança, e nem foram criados para isso; contudo, eles podem ser usados para facilitar o trabalho no desenvolvimento de processos mentais e comportamentais humanos. Histórias não garantem a felicidade nem o sucesso na vida, mas ajudam. Elas são como exemplos, metáforas que ilustram diferentes modos de pensar e ver a realidade e, quanto mais variadas e extraordinárias forem as situações que elas contam, mais se ampliará a gama de abordagens possíveis para os problemas que nos afligem. De acordo com Corso e Corso (2006, p. 303), os contos não conseguem garantir a felicidade da criança e nem considerar que elas tenham uma vida facilitada, mas elas podem servir de alegorias apresentando o mundo real do adulto, desenhando a maneira de pensar e enxergar a realidade, abordando temas generalizados.

A partir do momento em que a Psicanálise e a Pedagogia se encontram, aparecem uma série de perguntas que precisam ser respondidas, mas cujas respostas ainda não foram encontradas pelos profissionais, principalmente, para aqueles da área da Educação. Leandro de Lajonquière (2009) apud Martins (2015) fala abertamente sobre o assunto, afirmando é impossível a arte ter o poder de curar pessoas, governar e ainda educar, citando Freud (1937), quando diz que “trata-se de uma impossibilidade que implica em estarmos certos de antemão de que os resultados são insatisfatórios”.

De acordo com a afirmação acima, aparece, então, a demanda de levar em consideração a individualidade do sujeito, considerando as questões inconscientes de que existem no aprendizado. Foi exatamente por esse motivo que surgiu a necessidade de entender o conto de fadas dentro do contexto psicopedagógico, tendo em vista que a leitura desses contos vai muito além da leitura em si do texto e sua interpretação, já que a criança consegue articular laços emocionais importantes a partir dessas histórias.

Sabe-se que a aprendizagem não está restrita somente às características relacionadas à cognição. Sigmund Freud já apontava que, para se aprender efetivamente, era necessário entender a relação do professor com o aluno, tendo em vista que o professor não pode ser visto como ser detentor do conhecimento e a criança como aquela que precisa ser educada. É preciso que as crianças consigam adquirir seu próprio conhecimento por meio de suas experiências. Encarando, então, que os contos de fadas fazem parte da experiência de uma criança que sente, mas ainda não consegue relacionar e entender nenhum desses sentimentos, acredita-se que esses textos podem surgir como uma válvula de escape para que a criança consiga lidar com sua carga psicológica, bem como consiga entender como funciona o mundo ao seu redor.

Tendo em vista que o primeiro contato com a literatura acontece logo nos primeiros anos de vida, via de regra, através dos contos de fadas, este trabalho se justifica pela necessidade de se explicar a potencialidade desse tipo de leitura dentro da escola, não somente como um suporte pedagógico para leitura, mas também como um apoio para a área psicológica das crianças, já que os contos são capazes de trabalhar o emocional dos pequenos.

Diante do que foi apresentado acima, a presente pesquisa tem por objetivo analisar e compreender como se dá a psicanálise dos contos de fada

dentro da sala de aula, como um apoio pedagógico para os professores e emocional para os alunos, especificamente ordenados em:

- Conceituar o gênero “contos de fada”;
- Analisar o contexto histórico dos contos de fadas e sua relação com o público infantil;
- Compreender a importância dos contos de fadas para as crianças;
- Analisar as características da abordagem psicanalítica e sua relação com os contos de fadas;
- Avaliar a importância dos contos de fadas como apoio psicológico para crianças.

O trabalho aqui apresentado é uma revisão bibliográfica dos assuntos abordados, que envolvem uma discussão sobre leitura literária de contos de fadas no contexto escolar, sob a perspectiva da Psicanálise. Foram realizadas pesquisas em sites especializados, para a leitura de artigos científicos sobre literatura infantil e juvenil com foco psicanalítico, características didáticas dos contos de fadas e de que forma eles podem contribuir para o desenvolvimento do âmbito psicológico dos pequenos leitores.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 A LEITURA E OS CONTOS DE FADAS**

Pode-se considerar que a Literatura Infantil se trata de uma espécie de uma expressão humana em relação ao mundo que nos cerca e, por meio dela, a criança consegue criar e recriar seus desejos, sonhos e fantasias, dando vazão à imaginação. Assim, as histórias infantis possuem a capacidade de moldar ou explicar a realidade que percebemos, ensinar valores e criar a ideia de alcance de um desejo impossível na vida real.

Segundo Coelho:

A Literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo,

o homem pela palavra. Funde os sonhos e a vida, pratica o imaginário e o real, as ideias e sua possível/ impossível realização (...). Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão (COELHO, 2000, p. 27).

Em relação aos primeiros autores que estão relacionados aos contos infantis, tem-se Charles Perrault, datado do século XVII, e os Irmãos Grimm, do século XIX. Grande parte dos contos de fadas possuem como ponto essencial alguma menção à magia, seja por meio de um objeto mágico, pessoas com poderes extraordinários que ajudam personagens comuns ou por meio do auxílio de fadas, duendes, entre outros.

Se formos buscar as origens dos contos de fadas, descobriremos que essas estão ligadas aos celtas, que já apresentavam histórias com heróis e aventuras relacionadas à surrealidade, como foco na busca interior do indivíduo. É aqui então que entendemos de onde vem o termo “fada”. Tal imagem tem uma posição de destaque, sendo a representação de que tudo pode acontecer fora da realidade humana. A fada, então, conforme a origem da própria palavra, representa o destino do ser humano, e segundo Gonçalves (2007, p. 121), essa ideia vem da “concepção mais doce e mais trágica, mais íntima e mais universal da vida humana”. Assim, as fadas deixam de ser irreais e passam a se comportar de maneira real, partindo do imaginário e vivendo no raciocínio humano.

Além disso, sabe-se que as fadas são representações de figuras ou personagens de lendas antigas, transmitidas por meio da fala de pais para filhos, mudando de acordo com os povos. A origem é tão distante, que não se sabe ao certo quando elas surgiram; da mesma forma como aconteceu com os contos, cujo foco é sempre na oralidade, forma de expressão por excelência, muito antes de surgir a impressão escrita. Entretanto, o diferencial é que os contos de fadas passaram a ser relacionados ao público infantil, mesmo que tenham sido criados quando ainda não havia a ideia de infância e de criança como se tem hoje.

Muitos acreditavam que os contos de fadas fariam as crianças começarem a acreditar naquilo que não seria verdade, criando um “falso espírito”. Ou, então, fariam com que os pequenos ficassem incapacitados para a vida adulta, não estando prontos para os problemas da vida real. No entanto, dentro dos contos, a representação do mal é muito presente, assim como na vida cotidiana, quando



o ser humano possui nuances boas e ruins, praticando tanto a maldade como a bondade. Assim, a experiência literária com esses dois lados abre para a criança uma questão moral, criando espaço para que ela elabore questões importantes de sua psique através deles.

Os contos de fadas, assim, propõem que os leitores vivam uma vida gratificante e asseverativa, ainda que estejam experimentando lutas e problemas. Contudo, cada leitor só conseguirá esse feito caso viva intensamente e não tema os problemas que aparecerão, passando por cima dos obstáculos e encontrando sua própria identidade.

A fantasia deve ser entendida como ponto necessário para o entendimento do mundo que rodeia a criança, tendo em vista que ela faz com os espaços não compreendidos no momento da infância sejam preenchidos e repletos de significação, já que a criança ainda não consegue compreender com facilidade a realidade na qual está inserida. O ser mágico dentro dos contos é entendido, pela criança, como um adulto capaz de resolver todos os problemas, sendo seu ajudante, já que é capaz de resolver situações como um herói.

Cademartori (1986) relata que Charles Perrault reuniu uma série de contos e lendas desde a Idade Média até o século XVII, através de pessoas que trabalhavam para famílias ricas e repassavam as histórias de base oral. Já durante o século XIX, os Irmãos Grimm passaram a unir contos famosos da Alemanha, como os clássicos *João e Maria* e *Rapunzel*. Christian Andersen, que criou *O patinho feio* e *Os Trajes do Imperador*, é outro autor importante de contos para crianças. Vale mencionar que a literatura infantil surgiu somente no século XVIII, já que essa foi uma época de grandes alterações nas concepções sociais, ocasionando uma série de repercussões dentro do campo artístico que perduram até hoje. Muitos dos contos surgem justamente ligados ao aparecimento da burguesia, historicamente ligada ao acúmulo de bens:

Há um vínculo estreito entre seu nascimento e um processo social que marca indelevelmente a civilização europeia moderna e, por extensão, ocidental. Trata-se da emergência da família burguesa. As ascensões respectivas de uma instituição como a escola, de práticas políticas, como a obrigatoriedade do ensino e a filantropia de novos campos epistemológicos, como a pedagogia e a psicologia, não apenas inter-relacionadas, mas uma consequência que o novo posto da família e

respectivamente a criança adquire na sociedade (ZILBERMAN, 2003, p. 34-35).

Sendo assim, a “Literatura Infantil” ganha um recorte histórico. No caso do Brasil, até o século XIX, a literatura realizada para as crianças vinha diretamente da Europa, ou seja, não era produzida aqui, sendo importada principalmente de Portugal. Dessa forma, devido ao fator importação, os custos dos livros eram encarecidos e, portanto, nem todas as pessoas tinham acesso a eles, somente aquelas com mais poder econômico. Isso ocorria porque, até então, não havia editoras nacionais; logo, os autores nacionais não conseguiam imprimir seus textos.

Conforme explica Sandroni (1998) *apud* Silva et al (2015), só por volta do começo do século XX é que a situação tende a mudar: já que as escolas brasileiras sentiram a necessidade de se ter os próprios livros para fins educacionais, principalmente para o ensino de valores, muitos autores começaram a ser publicados como uma forma de suprir essa necessidade educacional. Dentre eles, temos Olavo Bilac, Coelho Neto, Manuel Bonfim e Tales Andrade.

No ano de 1921, Monteiro Lobato, autor canônico de livros infantis, publica *A menina do narizinho arrebitado*, mudando toda a história da literatura infantil brasileira. É a partir de então que temos um tipo de produção literária somente para crianças. Por isso, pode-se dizer que se começou a pensar na ideia de público-alvo, ou seja, a avaliar quais conteúdos seriam publicados para crianças ou não. Lobato foi tão crucial para a literatura infantil no Brasil que por muitos anos “o panorama da literatura destinada a crianças e a jovens permaneceu semiestagnado, com várias e frustradas tentativas de imitação” (SANDRONI, 1998, p. 15).

Durante os anos de 1970, devido a uma reforma de ensino que fez com que o Brasil somente adotasse livros propriamente brasileiros nas escolas de ensino fundamental, aparecem uma série de novos escritores, como é o caso de Fernanda Lopes de Almeida, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Marina Colasanti, Bartolomeu Campos Queiroz, dentre outros nomes. Grande parte desses escritores compuseram seus trabalhos com grande influência de Monteiro Lobato, trabalhando a ludicidade, o imaginário e o uso da linguagem e da cultura do nosso país.

De acordo com Costa (2013), a escola, como uma organização educacional, tem a responsabilidade de ensinar e desenvolver a leitura e escrita dos alunos. Para a autora, a leitura é cada vez mais complexa de ser trabalhada em sala de aula, uma vez que ela deve ser uma prática atrativa e prazerosa, tanto para os alunos quanto para os professores. Costa (2013) disserta que usar a leitura como forma de ensino faz com que aluno seja capacitado para interpretar o mundo ao redor, facilitando a aquisição de conhecimento nas outras disciplinas, além de trabalhar no âmbito de seu psicológico.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a leitura precisa ser estimulada em ambientes dentro e fora da escola. Mas, no que tange à literatura como ferramenta pedagógica, ela é encontrada na área de linguagens, desde o Ensino Fundamental – Anos Iniciais até o Ensino Médio. Sendo assim, a leitura pode fazer com que o aluno aumente sua capacidade de se expressar artística, corporal e linguisticamente, ao longo de sua vida escolar.

Conforme explica Tonin (2016), ainda é possível observar que a leitura muitas vezes é encarada com uma visão mais conservadora dentro das escolas, tornando-se uma obrigação para o registro de uma mera nota e sem a ideia lúdica e prazerosa do ler. Por isso, os professores precisam cada vez mais interagir com as crianças no momento da leitura, fazendo com que tal prática se torne um exercício prazeroso desde sempre. E, para escolher temas que atraiam a todas as crianças, os contos de fada entram em cena.

Manfré; Machado e Prado (2018) afirmam que os contos de fada se fazem presente nas mais variadas ações pedagógicas e que, geralmente, essas histórias são inseridas no público por meio de rodas de leitura, trabalhando o desenvolvimento cognitivo da criança:

Depois de ouvirem um conto de fadas, as crianças descobrem o protagonismo de cada personagem, compreendem o mundo das histórias fantásticas, da fantasia e da imaginação, e muitas delas começam a se identificar com alguns personagens (MANFRÉ; MACHADO; PRADO, 2018, p. 24).

Conforme afirmam Manfré; Machado e Prado (2018), com o intuito de fazer a leitura valer a pena e fazer diferença na vida dos alunos, é preciso que os professores analisem toda a simbologia dos textos estudados, trazendo um maior significado para a aula. Ainda de acordo com Manfré; Machado e Prado (2018), o gosto pela leitura faz com que seja facilitada a descoberta da

imaginação, a movimentação da mente sem precisar sair do local físico, despertando a curiosidade para a criação de soluções para problemas.

Segundo Brisolla e Santos (2019), os contos de fada são de extrema importância porque são capazes de começar com uma atitude que poderia ser real, indo em direção ao mágico e irreal, mas sempre conseguindo criar histórias que mexem com o emocional das crianças, por meio das peripécias de cada personagem. Ademais, o fato de as soluções para os problemas aparecerem de forma mágica e por intermédio de fatores irreais desperta a curiosidade e a atratividade nos leitores.

Todo esse espaço do mágico e sua leveza faz com que as crianças, em seu cotidiano, consigam passar de forma mais facilitada pelo desenvolvimento de suas habilidades. Por meio do contato com os contos, as crianças se tornam capazes de se socializarem mais e são encorajadas a se expressarem mais, preparando-se para o mundo adulto.

## **2.2 CONTRIBUIÇÕES DOS CONTOS DE FADAS NA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO INFANTIL**

Os contos de fadas já foram considerados por muitas pessoas da área da educação como histórias não adequadas para uso em sala de aula, assim como muitos ainda os enxergam como falsos, alimentando fantasias desnecessárias nas crianças. Entretanto, ao longo do tempo, essa concepção foi sendo alterada. Atualmente, os contos passaram a ser forma de auxílio na educação literária de muitas crianças. Isso foi possível devido aos estudos de pesquisadores que trabalham na articulação entre a literatura e a psicologia infantil. Bruno Bettelheim, por exemplo, diz em seu livro *Psicanálise dos Contos de Fadas*

Era uma vez uma criança que adorava ouvir histórias... ela nada mais esperava que viver cada momento, mas a cada passo dado neste seu mundo de sonhos e fantasia, pouco a pouco, sem o perceber, ia encontrando um sentido para a vida (URBAN, 2001, p. 23).

Na visão de Bettelheim (1980), é possível que as crianças consigam ter apego a esse tipo de história, já que estas lhes apresentam, por meio de uma linguagem atrativa e mística, tudo o que elas não enxergam, mas que existe dentro de si mesmas. Trata-se de uma maneira específica de fazer arte dentro

do universo infantil, que leva as crianças a liberarem seus sentimentos mais profundos, até mesmo os não conhecidos por elas. E isso ocorre de variadas maneiras, a depender do teor de cada conto específico.

O conto de fadas *Cinderela* existe em várias versões. Entretanto, as mais conhecidas são a de Charles Perrault (1697), Irmãos Grimm (1812/2011), e, na perspectiva contemporânea, a da Walt Disney (1950), que foi produzida com base na de Perrault. Corso e Corso (2006) afirmam que a Cinderela de Perrault assumiu um papel mais voltado para a bondade e os aspectos humanos, e ele se apropriou mais de magias e encantos, e as coisas boas simplesmente acontecem e vão até Cinderela. Em Grimm, a personagem possui uma postura mais travessa, toma certas iniciativas; para que o encanto ocorresse, foi até o túmulo da mãe e realizou seus apelos, ou seja, possuía iniciativa.

De acordo com Bettelheim (1980), o conto apresenta a questão da disputa fraternal, conflitos familiares e angústia da protagonista. As crianças se sentem preteridas, menos amadas quando surgem outros que também têm a atenção dos pais. Ou seja, os anseios de Cinderela são desconsiderados em função das “irmãs”, caracterizando uma rivalidade familiar. Além disso, retrata a exclusão, pois ela tem compromissos/responsabilidades/cobranças que as irmãs não têm. Apesar de normalmente os conflitos fraternais não serem tão intensos como os de Cinderela, a criança que está vivendo esses problemas, ao ouvir a história, consegue identificar suas emoções e entender que essa aflição vai passar.

Outro sentimento destacado no texto é a inveja, a qual também pode se fazer presente no eixo familiar, escolar e em outros grupos sociais que as crianças participam. No caso de Cinderela, ocorre porque ela possui uma beleza diferenciada, que suas irmãs não possuíam. Inclusive, a madrasta percebe isso e tenta sabotar, vestindo-a de roupas velhas/trapos, sapatos de madeira, e deixando suas filhas na zona de conforto, se vestindo com luxo e isentas das tarefas domésticas. A intenção da madrasta era desfavorecer Cinderela para que suas filhas triunfassem (CORSO; CORSO, 2006).

Ainda acerca dessa competição, Bettelheim (1980) afirma que, mesmo em filhos únicos, esse sentimento pode ocorrer, pois, a criança se coloca na condição de comparação com outras famílias, normalmente se vangloriam, se colocando em posição de destaque com relação ao outro.

Em qualquer versão do conto, a criança tende a se ver e se encontrar no sentimento da personagem principal, que sofre tanto com os maus-tratos das irmãs e da madrasta. É bem possível que uma criança que tenha um irmão se

sinta abandonada em algum momento da vida, mesmo que indiretamente. É normal que ela sinta desfavorecida em relação ao outro irmão, achando muitas vezes que os pais amam mais um que o outro. Se for muito pequena, a criança ainda não consegue falar abertamente sobre esse assunto; então, ela pode extravasar seus medos e incômodos por meio do conto, entendendo que seu final feliz chegará. Embora a rivalidade entre irmãos seja um dado mais ou menos constante na infância, a criança já consegue entender questões da vida adulta por meio das histórias.

Sobre o assunto, Bettelheim relata que:

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si própria e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece tantos níveis distintos de significado e enriquece a sua existência de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à profusão de diversidade das contribuições dadas por esses contos à vida da criança. (BETTELHEIM, 1980, p. 20).

Mostrar as aventuras de cada mocinha e herói, assim como apresentar os momentos ruins e desesperançosos faz com que as crianças leitoras se divirtam com a ludicidade, aperfeiçoem a leitura e ainda adquiram informações que lhes serão úteis na vida adulta. Além disso, os contos infantis podem colaborar na construção da identidade dessas crianças como indivíduos, tendo em vista que as histórias terão um significado especial para cada uma delas.

É também nessa fase da infância para a adolescência que o jovem leitor começa a se interessar pelo sexo oposto, criando suas próprias concepções sobre o amor. Sendo assim, contos como “Cinderela”, “A bela Adormecida” e “Branca de Neve” podem ser boas fontes para o debate sobre o tema. Neles, podemos perceber o início de uma história de amor, apesar de idealizada, na qual o príncipe faz de tudo por sua amada. Cria-se a ideia de perfeição dos personagens, já que sempre abordam a questão da beleza física e da beleza interior. Dessa maneira, a criança consegue começar a ter um processo de reflexão por meio dos livros, facilitando o molde de um futuro sujeito pensante e crítico, hábil para entender os processos conscientes e inconscientes.

A simbologia existente nesses contos também faz com que a criança consiga se identificar com mais facilidade, como é o caso do medo da perda da vida, a rivalidade entre irmãos, a descoberta do amor, o medo do abandono e da

solidão, entre outros. Assim, entende-se que o que se retira desses contos vai muito além do que somente o aprendizado escolar.

Essa é exatamente a mensagem que os contos de fadas transmitem à criança de forma variada: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana – mas que, se a pessoa não se intimida e se defronta resolutamente com as provações inesperadas e muitas vezes injustas, dominará todos os obstáculos e ao fim emergirá vitoriosa (BETTELHEIM, 1980, p. 15).

Sabe-se que é nos primeiros anos da criança que seus modos de relacionamento com o mundo externo, como a natureza e as pessoas, começam a se criar. Por meio da interação com o externo, a criança vai formando uma base para seu emocional, para sua consciência e para a individualização de seu corpo. Além disso, é justamente nesse momento que começam a aflorar os parâmetros afetivos. De acordo com o que afirma Ferreira (1975, p. 918): “Imaginar é construir ou conceber na imaginação; fantasiar, idear, inventar; é o ilusório; o fantástico. Imaginação: é a faculdade que tem o espírito de representar imagens. Imaginário: é o que só existe na imaginação”. A partir do momento em que a criança entra nesse mundo de conto de fadas, ela passa a criar possibilidades e critérios para a resolução de problemas, passando a ter ações mais amadurecidas, ao tentar encontrar formas de mudar a realidade.

Dentro da história, os desejos podem ser realizados de todas as formas, criando e recriando formas e circunstâncias que satisfaçam as suas necessidades. Além disso, os contos trabalham no imaginário da criança, acionando a curiosidade e trazendo a descoberta de uma realidade complexa, repleta de conflitos, mas ensejando, ao mesmo tempo, a necessidade de soluções. Ou seja, a criança se torna apta a colocar em prática técnicas para alcançar os seus objetivos. Os contos também são capazes de fazer com que a criança seja exposta a sentimentos como medos e desejos, fazendo com que entre em contato com suas emoções, diferenciando-as.

Vale lembrar que todos os contos de fadas contam com uma estrutura fixa: começam com um conflito que está vinculado com a realidade, que sempre atrapalha a paz de seus personagens. Durante o desenrolar da história, uma solução é buscada por meio da inserção de elementos mágicos, e somente no

final é encontrada a solução, fazendo com que todos os personagens voltem ao mundo real. Dessa forma, os contos mostram que é possível fazer aflorar e explorar esse lado imaginativo infantil; mas, ao mesmo tempo, é preciso que a criança leitora perceba a ideia de que não é saudável viver sempre na fantasia, sendo preciso voltar à realidade no momento certo. Logo, as crianças fazem uso das histórias para tentar passar pelos conflitos da vida real, articulando a inocência do mundo infantil e a bravura do mundo adulto.

Ademais, o conto de fadas tem o potencial de discutir, de forma figurada, temas como família e conflitos psíquicos que são da natureza do ser humano, como a morte ou separação. Trata-se de temas subjetivos, mas importantes para a formação humana e integral dos pequenos leitores, já que o que pode causar medo em uma pessoa não atua da mesma forma que em outra, variando também de acordo com a cultura e a sociedade.

Em suma, a imaginação é parte essencial da construção da identidade infantil. Qualquer situação narrativa que se apresenta em um conto, como lutar contra ogros, fugir da madrasta, encontrar o amor, tentar se salvar de uma bruxa, lutar contra soldados, enfim, qualquer conflito pode ser uma reprodução dos agitações pessoais escondidas no subconsciente.

### **2.3 OS CONTOS DE FADAS NO DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL DA CRIANÇA**

Depois do grande avanço da Psicanálise, em meados do século XIX, os contos de fadas, dentro do âmbito da literatura e arte, passaram a ser analisados e estudados metodologicamente por esse campo. Bruno Bettelheim (1903-1990) é conhecido como o primeiro a se dedicar ao estudo dessa área por meio de uma perspectiva psicanalítica, culminando em seu trabalho *A psicanálise dos Contos de Fadas*. Dessa forma, pode-se considerar que a Psicanálise foi a primeira área a se debruçar sobre os contos como não só uma literatura infantil comum.

Kehl (2006) *apud* Gomes (2019) afirma que o motivo pelo qual os contos de fadas estão sempre presentes na vida dos mais novos “consiste em seu poder de simbolizar e ‘resolver’ os conflitos psíquicos inconscientes que ainda dizem respeito às crianças de hoje” (p.16). Já Bettelheim (1980) acredita que os contos



de fadas são necessários tanto para o adulto quanto para as crianças, mesmo que elas não sejam histórias atuais. Entretanto, tais narrativas trazem contextos que podem ser encaixados perfeitamente no mundo contemporâneo. Freud (1913/1969), por sua vez, em seu tempo, já falava sobre a necessidade dos contos de fadas para a saúde mental de todas as pessoas, uma vez que, para ele, os contos prediletos de cada pessoa estão ligados com as lembranças da infância.

O poder dos pais e das pessoas que estão mais próximas é muito forte na educação das crianças, bem como a cultura que as rodeia. Além disso, a literatura é um meio de fazer com que tais experiências sejam melhor entendidas pelas crianças. Assim sendo, com o intuito de marcar uma criança, a literatura “deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções” (Bettelheim, 1980, p. 11).

Justamente porque a vida é com frequência desconcertante para a criança, ela necessita mais ainda que lhe seja dada a oportunidade de entender a si própria nesse mundo complexo com o qual deve aprender a lidar. Para que possa fazê-lo, precisa que a ajudem a dar um sentido coerente ao seu turbilhão de sentimentos. Necessita de ideias sobre como colocar ordem na sua casa interior, e com base nisso poder criar ordem na sua vida. Necessita – e isso mal requer ênfase neste momento de nossa história – de uma educação moral que, de modo sutil e só implicitamente, a conduza às vantagens do comportamento moral, não por meio de conceitos éticos abstratos, mas daquilo que lhe parece tangivelmente correto, e, portanto, significativo (Bettelheim, 1980, p. 12).

Ademais, os contos de fadas possuem grande capacidade terapêutica, tendo em vista que uma pessoa consegue compreender questões cruciais e encontrar soluções para elas por meio de um pensamento sobre o enredo de uma história, relacionado aos problemas vividos no cotidiano (Bettelheim, 1980).

A concepção de fantasia passou a ser muito mais importante com os estudos de Freud, que foi quem começou a discorrer sobre histerias e analisou as discrepâncias entre realidade fatural e psíquica. Essas histórias, consideradas fictícias, não poderiam ser entendidas como mera mentira, mas sim como um tipo de ficção que dá suporte para a verdade, uma vez que a fantasia é capaz de, ao mesmo tempo, potencializar sonhos sem realizá-los.

As fantasias não conscientes das crianças são projetadas nos contos de fadas, já que elas estão ligadas aos problemas reais do desenvolvimento. Por isso, são conhecidas como representações de acontecimentos psíquicos. Em outras palavras, pode-se dizer que, por meio dessas fantasias criadas pelo inconsciente, é que a pessoa consegue dar nome, projetar e falar mais sobre seus desejos, medos e preocupações. Assim, os contos de fadas, principalmente para crianças, são alegorias daquilo que está em seu inconsciente e, por isso, ajudam na mudança de seu desenvolvimento, na busca por anseios e desejos.

Marilena Chauí (1984) encara a função dos contos de fadas como um “rito de passagem antecipado” (p. 32), tendo em vista que, além de ajudar as crianças a entenderem os processos da infância, facilitam a sua vida, quando se deparam com a vida adulta. Outrossim, a autora chama a atenção para as características dos contos de fadas, levando em consideração as questões lúdicas, já que são apoios para os “desejos, fantasias e manifestações da sexualidade” de cada criança, abrindo espaço para que elas realizem seus desejos.

Após tal análise, percebe-se que os contos de fadas estão para além da simples finalidade de entreter as crianças. Por esse motivo, é necessário que esses contos passem a ser disseminados na escola e de forma geral, a fim de fazer com que esses pequenos leitores tenham o material necessário para abrir e estimular a imaginação, para lidarem com os problemas que surgirão na vida adulta, ganhando maior compreensão para as emoções.

Em quesito psicanálise relacionado a contos de fada, Bettelheim (1980) é um especialista na área. Em grande parte de seus trabalhos, o autor faz uma série de interpretações e análises de diversos contos infantis. De acordo com Bettelheim:

Todos os bons contos de fadas têm significados em muitos níveis; só a criança pode saber quais significados são importantes para ela no momento. À medida que cresce, a criança descobre novos aspectos desses contos bem conhecidos, e isso lhe dá a convicção de que realmente amadureceu em compreensão, já que a mesma história agora revela tantas coisas novas para ela (BETTELHEIM, 1980, p. 7).

O autor afirma que ver os resultados do acréscimo dos contos de fadas no cotidiano de uma criança não é rápido, é uma consequência dos significados dos contos e dos anos de contato com eles, por meio do amadurecimento psicológico e mental da criança. Entretanto, esse “sentido pleno da história”,

como o próprio autor chama, acontece de maneira voluntária e inconsciente na criança, tendo em vista que ela passa a traduzir um conhecimento prévio da história em significados profundos.

Conforme afirmam Corso e Corso (2006), apesar de se passarem os anos, os contos de fadas, com suas variadas histórias, continuam encantando todas as crianças da mesma forma que os atraíam desde os primórdios. Entretanto, para os autores, os contos de fadas não possuem o mesmo objetivo que antigamente. Quando foram criados, os contos tinham por meta tratar de problemas da sociedade como a fertilidade ou questões da natureza, além de moral e comportamento humano. Hoje, segundo os autores:

Nas crianças, é mais fácil observar o impacto da ficção, elas se apegam a alguma história e usam-na para elaborar seus dramas íntimos, para dar colorido e imagens ao que estão vivendo. Elas a usam como era usado o mito em sociedades antigas, entram na trama oferecidas e tentam encaixar suas questões nos esquemas interpretativos previamente disponibilizados (CORSO; CORSO, 2006, p. 28-29).

Defendendo a existência dos contos na vida das crianças, Corso e Corso (2006) afirmam que são necessárias as histórias maravilhosas não só para acionar a imaginação, bem como para fazer com que a criança saiba como lidar com suas dificuldades sem a necessidade de sempre ter um adulto. Para Franz (1981), cada conto de fadas, especificamente, possui um significado psicológico necessário para a vida da criança, uma vez que apresentam símbolos adequados para algum ponto crucial de seu desenvolvimento.

Ademais, os contos tendem a ser utilizados como meios de se acessar o mundo interno da criança por meio de seu mundo externo; como formas de controle das características psíquicas, tratando-se de uma ótima intervenção durante o desenvolvimento infantil.

Dentre os diversos métodos e estratégias de abordagem do texto literário com as crianças que podem ser colocados em prática de modo objetivo no contexto pedagógico do cotidiano da sala de aula, destacam-se quatro métodos e estratégias descritos por SOUSA, FRANÇA e BARRETO. (2010, p. 03-04):

- **Contação:** caracteriza-se pela narração do texto por um dos ministrantes das oficinas literárias de acordo com as palavras de quem o está contando, sem compromisso com as construções linguísticas contidos no texto original, transpondo o texto de uma

maneira facilmente compreensível pelos receptores, adequando a obra, por mais complexa que seja, a uma idade desejada. Portadora de uma característica forte de poder incorporar e transpor para o educando uma mensagem prática e simples, e consequentemente mais real.

- **Antecipação:** consiste em antecipar fatos posteriores do texto em que há algum desfecho que está para ser resolvido, sem dar detalhes, provocando assim no leitor o desejo de descobrir como sucedeu o processo que desencadeou naquela ação literária; desenvolvido a partir de perguntas, destacando os extremos, despertando dúvidas e movendo o mundo cognitivo dos ouvintes, detalhando a partir de várias perguntas envolvendo o enredo do texto e suas locomoções actanciais, prévias e posteriores.

- **Problematização:** trata-se de um método que visa suscitar no leitor o interesse pela literatura através do levantamento de questões relativas às possíveis temáticas trazidas pelo texto, relacionando com as vivências, experiências próprias ou do cotidiano social real, instigando dessa forma o educando a refletir criticamente sobre os temas ao mesmo tempo em que o entretém e o incentiva a ler o escrito. Esse método possibilita a abordagem de temas sociais como: Preconceito, Meio Ambiente, entre outros.

- **Leitura dramatizada:** consiste na leitura do texto de forma dramática, devendo a pessoa que lê o texto programado “interpretar” oralmente o escrito lido. Desenvolvido a partir de performances.

Mediante a aplicação coordenada, profícua e contextualizada dessas estratégias torna-se possível a aproximação imediata e a interação entre texto e educando, fazendo-o estabelecer conexões entre ele e seu cotidiano e ainda conferir ressignificação à partir da sua leitura de mundo, como expõe Freire (1996) ao enfatizar a importância de uma abordagem educacional onde sejam considerados e discutidos os saberes intrínsecos aos educandos, em especial os das classes populares, bem como fomenta a reflexão acerca da relação entre tais saberes com o ensino dos conteúdos.

A integração texto-aluno se efetiva pragmaticamente a partir do momento em que o aluno percebe que o texto se comunica de alguma forma com ele, com

seus valores e sua percepção da realidade. Após consolidada essa relação inicial há de se estimular a apreciação estética e emocional do texto para só então identificar junto aos educandos suas correspondências com os conteúdos mais formais, tais como: estrutura textual, gramática e inferências éticas e sociológicas mais objetivas.

Do contrário haverá sempre resistência e muito frequentemente rejeição acentuada a abordagem do texto literário – na escola ou no cotidiano pessoal - haja visto que o “didatismo” explícito e sem uma condensação mediada pedagogicamente afasta o estímulo subjetivo e o prazer do ato de ler, uma vez que este passa de uma prática prazerosa - que entretém e provoca êxtase, emoção e reflexão – para algo mecânico burocrático e moralista. Na prática de ensino, para trabalhar o texto literário, sobretudo em se tratando de crianças e dos contos de fados, torna-se essencial a presença do lúdico e da transversalidade na abordagem pedagógica, objetivando despertar a atenção e o encantamento subjetivo e posteriormente a apreensão de conceitos curriculares da disciplina.

### **3. DISCUSSÃO E RESULTADOS**

O processo de aprendizagem de uma criança se inicia no momento do nascimento e perdura por toda sua vida; entretanto, é nos primeiros anos de vida que as características psicológicas da criança começam a ser formadas, assim como seu caráter. Com quatro anos de idade, a criança passa a tentar compreender o mundo ao seu redor e o que está acontecendo. Nesse momento, os contos podem facilitar esse processo de transição, colaborando na formação da personalidade e agindo sobre o aspecto emocional, para o bem-estar mental dessa criança. É por meio das atitudes de seus personagens favoritos, sejam elas boas ou más, com finais felizes ou não, a criança passa a entender como funciona o mundo em que ela vive e todos os problemas que ela tem.

Ademais, os contos, como já apresentado aqui, surgem como uma forma pedagógica de aprendizado, tentando mostrar às crianças, por antítese, a forma da vida concreta, completamente racional e fora da imaginação. Assim, tais histórias trabalham com a capacidade de criar fantasias e dar vazão à imaginação. Consoante ABRAMOVICH (2006 p. 120):

Isso ocorre porque os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, um universo que denota a fantasia, partindo sempre duma situação real, concreta, lidando com emoções que qualquer criança já viveu...

Por esse motivo, entendemos que é preciso que os contos façam parte da vida do ser humano desde o início da educação infantil, ajudando na solução dos problemas, dando consequências positivas para as ações da criança e um final feliz às adversidades, já que os contos de fadas não possuem tempo marcado e perduram há tempos. O reino dos contos de fadas pode estar em qualquer lugar dentro da imaginação de uma criança, inclusive pode fazer parte da sua casa, bem como os personagens podem ser identificados com os seus familiares e amigos.

Para alcançar níveis de desenvolvimento aceitáveis, é preciso que a prática de leitura desses contos aconteça dentro da escola e na casa de cada um. Dentro de casa, esse trabalho será endossado pelos pais; já na escola, será incentivado pelos professores e educadores, pessoas que, além de precisarem ler constantemente, também devem estar atualizados. E, no meio dessa leitura, os contos de fadas precisam surgir como forma de aprendizado.

Contudo, os contos de fadas contam com simbologias e funções literárias. Se, de certa forma, esse gênero consegue entreter e cativar seu público por suas histórias fantásticas e seus finais nos quais tudo pode acontecer, por outro lado, ele consegue oferecer oportunidades para boas análises psicológicas dessa criança. Por trás de toda magia, os contos de fadas não mostram logo de cara seu poder psicológico, com discussões que vão ser travadas ao longo dos anos de desenvolvimento da criança. Assim, os contos de fadas permanecem sendo a forma mais aceitável e importante de estimular esse tipo de desenvolvimento nos pequenos, já que pode trazer respostas para muitas de suas necessidades.

Assim sendo, os resultados desse trabalho apresentaram que a psicanálise, como abordagem teórica, pode se unir ao uso pedagógico dos contos infantis, com o intuito de abrir espaço para que os leitores dessas obras sejam capazes de expor suas dificuldades, medos e, principalmente, a entenderem-se e conhecerem mais sobre si mesmos. A psicanálise, como sabemos, facilita a entender aquilo que é muito difícil, aquilo que não é fácil enxergar.

Com esse trabalho, concluímos que a aprendizagem não acontece somente por meios cognitivos, pois as relações afetivas entre as pessoas são de extrema importância para se manter um processo de desenvolvimento saudável, tendo em vista que elas ajudam no processo de conhecimento pessoal. Ótimo exemplo é entender que o professor não é somente a pessoa que provê todo o conhecimento, mas também é a pessoa que ajuda o aluno a chegar a certo ponto, facilitando o processo. Entende-se, então, que é mais do que importante a leitura contextual na vida do indivíduo, principalmente quando se é criança, tendo em vista que ela faz parte de seu cotidiano desde os primeiros anos de vida, ajudando-o a lidar com os seus próprios problemas.

#### **4. CONCLUSÃO**

Como vimos, os contos de fadas existem desde a Idade Antiga, fazendo parte do entretenimento de todas as idades, não apenas das crianças. Com o tempo, os contos passaram por muitas transformações, ao longo da mudança da sociedade e das tradições da oralidade. Os contos de fadas, então, unem gerações, envolvem diversas culturas e nações, sendo inerente a todas as sociedades e fazendo parte da história literária da humanidade. Mesmo com a chegada da modernidade, o mundo ainda necessitava de fantasia e entretenimento, mantendo o encanto pelas histórias antigas e renovando algumas delas, inserindo nas narrativas questões da atualidade em que vivemos. E ainda hoje é assim.

Os contos de fadas se tornaram cada vez mais famosos e ainda marcam a vida de cada pessoa, não só com os livros infantis, mas com a música, a televisão, o teatro, o cinema e, principalmente, nas escolas. Tais histórias incentivam a inteligência, a vazão emocional, o pensamento crítico, a criatividade e os sentimentos. Por meio da junção da realidade com a fantasia, os contos de fadas ajudam em todo processo de desenvolvimento da criança, integralmente, fazendo-a conhecer a si mesma e ao mundo que a cerca.

A imaginação, por sua vez, conta com uma função gigantesca no processo de desenvolvimento psicológico e pedagógico da criança, tendo em vista que ela consegue provar, explorar e alterar as ideias, conseguindo entender de onde vem seus medos e lidar com eles. Assim, a criança leitora vai formando

sua personalidade, alcançando equilíbrio emocional e melhorando suas relações interpessoais.

Dentro do âmbito escolar, os educadores têm o dever de compreender qual a necessidade e importância dos contos de fadas para a evolução do estudante. Por esse motivo, os professores devem estar unidos e comprometidos com o desenvolvimento do aluno, tirando o melhor proveito possível dos contos de fadas, fazendo com que o trabalho com eles seja prazeroso. Faz-se importante também respeitar a subjetividade de cada criança, suas peculiaridades, estando disposto a enfrentar essa batalha que é ser criança e crescer.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosura e bobices**. 5.ed. São Paulo: Scipione, 2006.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1980.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017.

BRISOLLA, Livia dos Santos; SANTOS, Daniela Pereira dos. **Literatura na escola: os contos de fadas**. Goiânia. Itinerarius Reflectionis, 2019.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHAUÍ, Marilena. **Contos de Fadas e Psicanálise** In M. Chauí, Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida.. (pp. 23-54). São Paulo: Brasiliense, 1984.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1991.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre. Artmed, 2006.

COSTA, Marta Morais da. **Metodologias do Ensino da Literatura Infantil**. Curitiba. Editora IBPEX, 2013.

DE MOURA SANTOS, Tainá; GOMES, Ivanilza Cinésio. **O Mágico de OZ: a relevância dos contos de fadas para a educação infantil e formação da criança**. 2015.



FERREIRA, de Holanda, Buarque, Aurélio. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FRANZ, Marie Louise von. **A interpretação dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Edições Achiamé LTDA, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Freud, S. (1969). A ocorrência, em sonhos, de material oriundo de Contos de Fadas In: S. Freud, **O Caso de Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos**. (J.O.A. Abreu, trad.) (pp. 305-310). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)

GOMES, Larissa Santos; DA SILVA, Cláudia Yaísa Gonçalves. Da fantasia à realidade: os contos de fadas no contexto escolar. **Psicologia da Educação**, n. 49, p. 99-115, 2019.

GOMES, Vanda Viana. Letramento e literatura infantil: a contribuição do conto de fadas para prática social da leitura. **Almanaque multidisciplinar de pesquisa**. Ano III – Volume I, p. 106-117, 2016.

MACHADO, Fernanda Simões; MANFRÉ, Ademir Henrique; PRADO, Adriana. **A contribuição dos contos de fadas no processo de ensino de aprendizagens das crianças**. Colloquium Humanarum, vol. 15, p. 22-26, 2018.

SAFRA, G.. **Curando com histórias**. São Paulo: Sobornost. 2005.

SANDRONI, Laura Constância. De Lobato à década de 1970. In.: SERRA, Elizabeth D'Angelo (org.). **30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras**. Campinas: Mercado de Letras; ALB, 1998.

SOUSA, Vivianne; FRANÇA, Sandro Alves; BARRETO, Herson. **A Abordagem Literária no Instituto Béradêro: técnicas e estratégias que dinamizaram o processo**. III ENLIJE, ISSN 2177-6911, 2010.

TONIN, Fabiana Bigaton. Leitura Fruição na Escola: **O que alunos e professores têm a dizer?** 2016 Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/319227/1/Tonin\\_FabianaBigaton\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/319227/1/Tonin_FabianaBigaton_D.pdf).

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a Literatura Infantil Brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.